

Entre ortodoxia e heresia: uma releitura da tradição católica polonesa na Diocese de Ponta Grossa (PR)

Rosângela Wosiack Zulian¹

Resumo: D. Antonio Mazzarotto (1890-1980) foi o primeiro bispo da Diocese de Ponta Grossa, Paraná. Construiu, desde a época de seminário, uma imagem de austeridade, defesa da fé e fidelidade à hierarquia da instituição. No entanto, logo que assumiu a diocese, confrontou-se com um movimento tido como "herético" dentro da tradicional comunidade católica polonesa, ligado à Igreja Antigo-católica. O conflito, largamente debatido nos jornais e nos pronunciamentos do consulado polonês, permite perceber que a romanização, especialmente nesta diocese, foi um processo plural e passível de múltiplas interpretações. Compreender o atravessamento desses embates simbólicos de representações e os discursos produzidos possibilita a apreensão dos sentidos das práticas discursivas do bispo, dos jornais, dos poloneses católicos e daqueles cooptados pela "heresia".

Palavras-chave: religiosidade; práticas discursivas; poder simbólico; imigração polonesa;

Between orthodoxy and heresy: a rereading of the polish catholic tradition in the diocese of Ponta Grossa (PR)

Abstract: D. Antonio Mazzarotto (1890-1980) was the first bishop of the Diocese of Ponta Grossa, Paraná. Since the time of seminar, he built an image of austerity, defence of the faith and loyalty to the hierarchy of the institution. However, as soon as he took over the diocese, he has met an "heretic" religious movement inside the traditional polish catholic community. The conflict, spread in newspapers and pronouncements of the Polish consulate, allows to realize that the romanization, especially in this diocese, was a plural process and opened to many interpretations. Understand the crossing of these symbolic representations and the speech acts allows the seizure of discursive practices senses of the Bishop, of newspapers, of catholic polish and whose coopted by "heresy".

Keywords: religiosity; discursive practices; symbolic power; Polish immigration

Recebido em 15/01/2013 - Aprovado em 30/03/2013

¹ Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do PPGH/UEPG em História. Email: rzulian@gmail.com

Em 10 de maio de 1926 o papa Pio XI emitiu a bula *Quum In Dies Numerus*, que criou a Província Eclesiástica do Paraná, da qual faria parte a Diocese de Ponta Grossa.² Escolhido como seu primeiro bispo, Dom Antônio Mazzarotto fez-se consagrar em Roma pelo cardeal Henrique Gasparri e tomou posse em 3 de maio de 1930.

Dom Antônio Mazzarotto voltou-se para o interesse da Igreja Católica naquele momento, isto é, à efetivação do processo de romanização, que tinha como uma de suas funções a produção de instrumentos adequados à transmissão e à inculcação da doutrina, como manuais, livros canônicos, dogmas, viagens pastorais, cartas pastorais, úteis também em situações de crise no campo religioso ou ocasiões de disputa por fiéis.³

A estratégia discursiva adotada pelos bispos romanizadores visava produzir uma naturalidade no processo de imposição: “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subvertê-la, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.” (BOURDIEU, 1989, p. 15) Já dizia Dom José de Camargo Barros, o primeiro bispo da Diocese de Curitiba:

(...) o que sanciona o poder do Bispo perante os povos é a sua enviatura divina. (...) Quanto a nós, ficae tranquillos, temos recebido essa divina missão e para proval-a, se não basta a nossa nomeação, se não basta o decreto pontifício de nossa confirmação, temos ainda o facto solemnissimo e publico de nossa sagração. (BARROS, 1900, p. 20)

O enfrentamento das doutrinas concorrentes que questionavam a tradição dominante foi uma das prioridades do episcopado nacional no período, que se estabeleceu como autor e como autoridade. Utilizando-se de uma imposição mascarada, portanto ignorada pelo grupo social, Dom Antônio apresentou para a comunidade a religião como sagrada e única, passível de ditar preceitos: “A obrigação principal nossa de ministros de Deus, é procurar com todo empenho que as almas pelas quaes deu Jesus a vida e derramou todo o seu sangue, *se deixem governar* pelos seus *preceitos* e santificar pela sua graça e por este meio, que é o *único*, reine nellas tão clemente Senhor”. (MAZZAROTTO, 1930, p. 10, grifos nossos)

A Igreja era a depositária de um “capital sacramental”, (BOURDIEU, 2003, p. 58) com o qual negociou com os leigos e utilizou como instrumento de poder sobre a comunidade. Essa estratégia discursiva utilizada pelo bispo visou produzir uma

² A diocese abrangia um território que se estendia de Jaguariaíva (Paraná) até Santa Catarina, com “12 paróquias, uma população rarefeita de 209 000 habitantes, com 38 sacerdotes, sendo 31 religiosos de cinco congregações, e cinco congregações femininas” (DIOCESE, 1976, 24), sem representantes do clero secular.

³ A partir de 1890, quando o Estado separou-se oficialmente da Igreja Católica, a República concedeu a liberdade de entrada de representantes e de culto a qualquer confissão religiosa. Com isso a disputa por fiéis passou a ser efetiva, necessitando, por parte da hierarquia eclesiástica católica, a tomada de posições diferenciadas para não perder terreno no campo religioso.

naturalidade no processo de imposição, demonstrando uma força que não era privilégio de pessoas comuns, mas daquele que era reconhecido socialmente como o detentor.

Formado dentro dessa concepção de autoridade episcopal, Dom Antônio Mazzarotto, na década de 1930, conviveu com interpretações das “verdades da fé” distintas daquelas preconizadas pela instituição. Assim como no interior da hierarquia eclesiástica brasileira ocorreram lutas de representação no processo de romanização, percebe-se que em Ponta Grossa no referido período a postura da instituição também não era percebida de forma homogênea pelo “rebanho” católico (JOHANSEN, 2003, p. 59) e foi atravessada por múltiplos conflitos e diferentes interpretações.

Em 1932, um movimento dissidente dentro da comunidade polonesa católica passou a questionar a autoridade do papa como representante de Deus e sua infalibilidade, estabelecida no Concílio Vaticano I, a autoridade do bispo como representante da Igreja Católica Romana na diocese e a subordinação do grupo ao prelado.

Após a separação da Igreja e do Estado com o advento da República, uma das preocupações práticas do corpo eclesiástico foi a questão imobiliária, isto é, a posse de igrejas, colégios, seminários, para a formação de um patrimônio que toda diocese deveria possuir. A comunidade católica polonesa possuía um templo na Praça Barão de Guaraúna, a Igreja São João, conhecida como Igreja dos Polacos. O templo, desde meados da década de 1920, já não conseguia mais comportar todos os fiéis; portanto, iniciou-se a construção de uma igreja maior que, até a chegada do bispo, pertencia a esse grupo.

O Rev. Padre Roberto, cura da Igreja Poloneza, vem a quatro anos envidando esforços gigantescos para doptar a cidade do templo em construção; 150 famílias polonezas o apoiam contribuindo não só para que os polono-brasileiros tenham um templo condigno, como para que Ponta Grossa tenha uma nova Igreja que ateste da índole religiosa do seu povo. (A QUESTÃO ENTRE A COLONIA POLONEZA LOCAL, 1932)

Tão logo o prelado principiou suas atividades na diocese, teve início uma negociação de entrega da construção para a cúria, o que provocou a revolta de alguns católicos poloneses, gerando uma polêmica que chegou às páginas do jornal local:

O sr. Albino Orlowski veio nos pedir em nome de diversos membros da laboriosa colonia poloneza local expliquemos ao publico certos pontos obscuros da questão que está surgindo entre os polono-brasileiros da cidade. Diz o sr. Orlowski que ha um mal entendido facilmente explicavel. Os adeptos de sua corrente (...) *desejam é que a igreja continue como patrimonio da colonia (...), a igreja de S. João deve continuar como patrimonio da colonia como tem*

sido desde a cessão do terreno e a construção do templo. Os seus contrários desejam fazer cessão do templo ao bispado. Dahi a divergencia. (A QUESTÃO ENTRE A COLONIA POLONEZA, 1932)

A celeuma envolvia três grupos distintos, o que foi explicado pelo articulista:

Disse-nos os Sr. Orłowski que a colônia está dividida em três partidos: o seu, que apenas defende o ponto citado; o chefiado pelo sr. Carlos Schwidersky, que intransigentemente declara “ou o catholico (é) obdiente às leis catholicas ou não é catholico”; e o grupo do Sr. Las que julga que o maximo representante da crença polonesa é representante oficial da Igreja da Polonia. (A QUESTÃO ENTRE A COLONIA POLONEZA, 1932)

Para o jornal, toda essa questão desencadeou-se com a chegada de um sacerdote polonês, apresentado para a população ponta-grossense da seguinte forma:

(...) eis que surge um padre polaco scismatico, que estando portando em dissidio com a maxima autoridade da Igreja, Exmo. Bispo diocesano D. Antônio Mazzarotto, pretende assumir a direção espiritual da colonia poloneza, preterindo o Rev. Padre Robert, legítimo representante do catholicismo apostolico romano junto á colonia poloneza! (A QUESTÃO ENTRE A COLONIA POLONEZA LOCAL, 1932)

É interessante observar a forma como o discurso do jornal constrói e reconhece a legitimidade dos especialistas da Igreja Católica. Ao chamá-lo de “padre polaco scismatico” desqualificou-o *a priori*, isto é, colocou em dúvida a sua relação com a Igreja oficial e, por isso, incapaz para assumir a responsabilidade pela vida espiritual da comunidade em questão. O jornal adotou abertamente as verdades tidas pela Igreja Católica como inquestionáveis, pois “ou os catholicos polonezes obedecem o chefe da Igreja que é o Santo Padre o Papa, ou deixam de ser catholicos, para se tornarem heréticos e scismaticos”. (A QUESTÃO ENTRE A COLONIA POLONEZA LOCAL, 1932)

O texto configura uma construção social, um apelo de um membro da sociedade, reconhecido enquanto tal e não uma evidência imposta pelo bispo. No entanto, o discurso autoritário católico foi interiorizado pelo jornalista.⁴

O embate iniciou devido às práticas do padre Theophilo Bartnicki, que, como “falso padre que descaradamente veste distintivos prelatícios, atribuindo-se dignidades que ninguém lhe outorgou”, converteu “pseudo-polonezes que cegos se deixaram por elle

⁴ O periódico princesino apresentava-se aos leitores como um jornal *isento*, portanto não pode ser conhecido como uma folha católica. No entanto, o jornalista parece ser católico, pois incorporou ao seu discurso elementos que o identificavam como pertencente a essa religião.

engazopar, aderindo aos gritos de revolta contra aquela Religião que foi, é e será sempre da grande nação poloneza”. (GRABOWSKI, 1932)

Prevendo possíveis problemas com os fiéis poloneses e antecipando-se ao debate apresentado no jornal acerca da posse do novo templo em construção, Dom Antônio publicou, em 5 de julho de 1932, um artigo no qual alertou a população sobre a existência de “um Senhor polonez que anda de batina e que, dizendo-se sacerdote não é sacerdote catholico e sim scismatico e heretico, o qual pretende como se afirma fundar uma nova igreja nacional polaca, como se a Igreja de Jesus Christo não devesse ser, como sempre foi, de todos os povos”. (MAZZAROTTO, 1932)

Atento, Dom Antônio preocupou-se em divulgar a visão “oficial” a todos os ponta-grossenses, já que estava sob sua responsabilidade a manutenção da fé e dos princípios instituídos pela Igreja Católica. Ao utilizar seu múnus pastoral, sentiu-se no direito de chamar a atenção de toda a população para o início das atividades de um novo representante de uma outra igreja, não da *verdadeira* igreja de Jesus, como ele afirmou, mas de um *falso profeta*.

Por mais que tivesse dito que “a Igreja de Jesus Christo [era] de todos os povos”, (MAZZAROTTO, 1932) Dom Antônio chamou para si o domínio do uso das palavras de Cristo, não permitindo, dessa forma, que outros a interpretassem.

Bourdieu afirmou que nas disputas pelo poder no campo religioso a figura do profeta significava a presença de uma nova versão para as verdades religiosas, a presença de um novo elemento em luta pelo monopólio dos bens de salvação. Percebendo nesse sacerdote um rival no domínio da comunidade católica, o bispo continuou seu artigo conclamando para “que todos os nossos queridos filhos fiquem de sobreaviso, para que não se deixem enganar por lobos vestidos com pelles de ovelha”. (MAZZAROTTO, 1932) Isto é, todo e qualquer argumento apresentado pelo sacerdote polonês foi visto pelo bispo como inverídico e infundado, porque a única verdade não poderia estar nas mãos de alguém não reconhecido como membro do clero católico, mas estava centrada na Igreja Católica Apostólica Romana, representada na cidade por ele.

Como um especialista no discurso da instituição e reconhecido como o maior orador sacro do Paraná, (FEDALTO, 1958, p. 202) soube utilizar da “palavra autorizada”, recuperando no discurso os valores mais caros para os poloneses:

(...) o povo polonez é catholico, tradicionalmente catholico e sempre viu na augusta pessoa do santo Padre o legitimo successor de São Pedro, a quem Jesus constituiu chefe supremo da sua Igreja (...) o polonez digno deste nome não pode, pois, e não deve aderir a qualquer pregador de uma qualquer religião nova nacional e por isso falsa, sob pena de se tornar um traidor da patria de seus gloriosos antepassados e um apostata da verdadeira Religião, pelo que incorrerá na gravissima pena de excomunhão. (FEDALTO, 1958, p. 202)

Dom Antônio usou palavras investidas de significado para a história dos imigrantes, evocando a íntima ligação do povo polonês com a Igreja Católica. Na sequência, o bispo advertiu toda comunidade católica ponta-grossense que a atitude conveniente para um fiel era repelir as propostas do semeador de heresias e negar qualquer tipo de apoio, fosse material ou moral, para que a figura do falso profeta não tivesse condições de se estabelecer nem tampouco edificar um templo para abrigar essa suposta fé.

Respondendo às acusações proferidas pelo bispo, o padre Bartnicki também recorreu ao jornal citadino para publicizar a sua versão e, assim, lutar por um lugar de respeito e prestígio no campo religioso. Para tanto, não temeu em enfrentar o bispo e lançar o posicionamento do prelado no espaço da ignorância, já que “não é verdade que a nossa Igreja seja Nacional Polonesa conforme denominou D. Antônio Mazzarotto, pois ella é a Igreja Antigo-Catholica e não Nacional Polonesa. (...) Somos obrigados a chamar a atenção do Bispo de Ponta Grossa, e tambem proporcionar-lhe alguns ensinamentos, porque evidencia-se que s. revma. não tem completa noção de Historia.” (BARTNICKI, 1932)

Na luta por um lugar de deferência no campo religioso, o padre Bartnicki construiu no jornal um discurso representativo da Igreja Antigo Católica, para que essa tivesse condições de disputar junto à Igreja Católica Romana o monopólio dos bens de salvação postos à disposição da comunidade de fiéis em Ponta Grossa. Para tanto, apresentou a sua igreja como surgida há

mais ou menos no anno 500 depois de Christo, e é legalmente reconhecida na Holanda, na Suíssa, na França, na Allemanha, na Áustria, na Inglaterra, na Polônia, nos Estados Unidos e em todos os outros paizes em geral. (...) Portanto a Igreja Antigo Catholica não é uma Igreja heretica, nem tampouco scismatica; não constitue uma seita: é sim, a poderosa Igreja Antigo Catholica official, e o padre Teophilo Bartnicki é seu representante official no Brasil. (BARTNICKI, 1932)

Em outras palavras, Bartnicki apresentou a sua igreja como uma instituição hierarquicamente organizada e espalhada por diversos países. Poderia não ser universal como a católica, mas era legal e representativa, isto é, não deveria ser vista como uma facção cismática da Igreja Católica, mas como um estabelecimento que merecia o devido respeito por parte de qualquer instituto religioso. Finalizando, o padre chamou a atenção do bispo diocesano para que este atentasse “para estas poucas palavras, não lançando confusão onde ella não pode imperar, porque a Verdade dimana do proprio Deus”, (BARTNICKI, 1932) e não estava monopolizada nas mãos dos representantes da Igreja Católica Romana que se autointitulava a verdadeira e única igreja de Cristo.

Atribui-se a denominação *Igreja Velho Católica* ou *Antigo Católica* a um certo número de igrejas livres que se derivaram da Igreja Católica, em distintos países europeus

e nos Estados Unidos. Surgiram a partir de 1870, quando contestaram o Concílio Vaticano I.⁵ No documento conciliar ficou definida a infalibilidade papal e a sua primazia. Essas igrejas livres negaram esses conceitos, mas se diziam iguais na fé, no culto e no regime. Entendiam-se católicas, mas “isentas de Roma”. Com bispos validamente consagrados, buscavam conservar a fé da Igreja do primeiro milênio (baseada nas decisões dos sete primeiros concílios), implementar uma constituição sinódico-episcopal com grande autonomia das igrejas locais e conceder ao papa não mais que uma primazia honorária. (KÜNG, 2002, p. 210)

A respeito da sua doutrina, o velho-catolicismo manteve as verdades cristãs fundamentais acerca de Deus, da Santíssima Trindade, da criação do mundo, da cristologia e da soteriologia. Acreditavam na salvação trazida por Jesus, no ministério dos bispos e dos padres, nos sacramentos, no purgatório e na oração pelos mortos. Na pastoral, os católicos velhos assumiram posições semelhantes às dos protestantes, pois aboliram a obrigação da confissão, o preceito do jejum e rejeitaram o dogma da Imaculada Conceição de Maria. (CECHINATO, 1996, p. 360; TILLARD, 2000, p. 96)

Contrários ao posicionamento da Igreja Católica, em seu primeiro congresso em setembro de 1871, os católicos velhos declararam: “Baseados na profissão de fé, tal como está contida no chamado Sínodo Tridentino, rechaçamos os dogmas criados sob o pontificado de Pio IX em contradição com a doutrina da Igreja.”⁶ Em 1904 o sacerdote polonês Francis Hodur fundou em Scranton (Pensilvânia, EUA) a Igreja Nacional Polaca, que atendia preponderantemente aos imigrantes poloneses estabelecidos naquele país.

⁵ Wernet atribui o surgimento da Igreja Antigo Católica ou dos Velhos Católicos às posturas assumidas por Johann Joseph Ignatz von Döllinger (1799-1890) após as decisões do Concílio Vaticano I. Originário de Bamberg, na Baviera, foi ordenado em 1820 e “passou a ensinar História da Igreja em Aschaffenburg. Em 1826, na docência daquelas disciplinas, definia-se pela corrente liberal no campo da Teologia, relacionado com Lord Acton (que foi seu aluno em Munique), com Lamennais e Gladstone. Tornou-se membro da Real Academia Bávara de Ciências, em 1835, e 13 anos depois, representava a Universidade na segunda Câmara do Parlamento bávaro (Landtag) e na Assembleia Nacional de Frankfurt (1848). Por todos os seus títulos, era considerado chefe da Escola de Teologia e História da Alemanha. Dedicando-se sempre às investigações eclesiológicas, cedo começou a divergir da política de Pio IX, que se tornara antiliberal. Não hesitou em pronunciar-se contra o dogma da Imaculada Conceição, definido em 1854. Corridos 10 anos, foi condenado pelo *Syllabus errorum*. Andava em cheiro de suspeição que se confirmou com a obra *Kirch und Kirchen*, onde atacava o ultramontanismo. De sorte que, ao ser convocado o Concílio que consagraria a infalibilidade papal, Döllinger assumira, pelo seu prestígio intelectual, a liderança da oposição germânica aos desígnios infalibilistas do Vaticano. Célebres as suas palavras de 1871, em carta dirigida ao arcebispo de Munique: ‘Como cristão, como teólogo, como historiador, como cidadão, não posso acatar tal doutrina’. Organizaram, em seguida, a Igreja dos Velhos Católicos (*Alt-katholiken*)” (WERNET, 1987, p. 180-181, nota 62). Cf. ALGERMISSEN, 1964, p. 1081; KÜNG, 2002, p. 209-210; SCHLESINGER; PORTO, 1995.

⁶ Nesse sentido, o cânon 47, do código de direito dessa Igreja, reforçou a rejeição ao primado e à infalibilidade do papa, a quem passou a reconhecer somente como cabeça da Igreja Católica Italiana. Para os membros dessa cisão da Igreja Católica, a legitimidade e veracidade não estavam mais nas mãos do corpo eclesialístico romano e nos reconhecidos por Roma, mas os verdadeiros discípulos de São Pedro passariam a ser os participantes das Igrejas Antigo Católicas, espalhadas por todo o mundo (ALGERMISSEN, 1964, p. 1092).

Essa nova igreja estava vinculada aos princípios dos estabelecimentos religiosos surgidos a partir do Concílio Vaticano I. Logo após a Primeira Guerra Mundial foi criada uma sucursal da Igreja Nacional na Polônia, que se subdividiu em diversos grupos desde 1926, espalhando-se pelos países onde imigrantes poloneses se fixaram. (ALGERMISSEN, 1964, p. 1091)

Sob a inspiração de Hodur, a Igreja Nacional Polaca impôs os elementos básicos anticatólicos da época moderna: o racionalismo e o nacionalismo eclesiástico, chegando a instituir a língua polonesa como a oficial nos cultos. Isso, no entanto, não impediu que fossem também utilizadas as línguas nacionais dos países onde se estabeleceu, tanto no serviço eucarístico como na administração dos sacramentos e nas bênçãos eclesiásticas.

Com relação ao racionalismo, tanto a Igreja Nacional Polaca quanto as outras Antigo-Católicas defendiam que “se o conhecimento progressivo chegar a demonstrar que é errôneo o que antes se havia mantido a Igreja velho-católica poderá adaptar-se sempre ao novo conhecimento”. (ALGERMISSEN, 1964, p. 1093) Com essa postura, questionaram a validade dos dogmas no tempo, isto é, o modo como a Igreja Católica apresentava as suas verdades de fé não levava em consideração a possibilidade de amoldar-se às mudanças do conhecimento construído pelo homem.

As passagens da Sagrada Escritura alusivas à instituição de uma cabeça na Igreja de Cristo são interpretadas de forma contrária à proposta de Roma, isto é, enquanto o papa se autorreconhecia como o legítimo representante dessa igreja e os seus instituídos seriam os únicos a enquadrarem-se nessa categoria, os católicos velhos não admitiam a existência de *uma* única cabeça visível da Igreja, constituindo dessa forma a base teórica para a formação e justificativa da existência das igrejas nacionais. Os bispos eram eleitos por todos os eclesiásticos e por representantes laicos do respectivo episcopado.

É compreensível o significado do discurso do padre Bartnicki, já que Dom Antônio personificava a centralização e a infalibilidade do poder da Igreja Católica. Mesmo que os dados apresentados sobre a gênese da Igreja Antigo Católica não fossem precisos, “inventou” um discurso que aparentasse legitimidade. (JOHANSEN, 2003, p. 36)

A presença do padre Bartnicki em Ponta Grossa e a questão da posse do novo templo trouxeram à cidade o cônsul-geral da Polônia no Paraná, Romain Adam Staniewicz, e o conselheiro de Emigração Polonesa para a América do Sul, Michel Pankiewicz. (PARA SOLUCIONAR A QUESTÃO DA COLONIA POLONEZA LOCAL, 1932) A intenção era conhecer a situação e a partir de então tomar partido. Como representantes do poder político instituído, não estranha que a atuação do sacerdote velho católico não tenha sido reconhecida como autêntica. Preferiram defender os propósitos da Igreja Católica Romana, intimamente ligada às altas esferas políticas, tanto no Brasil como na Polônia. Para isso fizeram publicar em Ponta Grossa um artigo sobre o padre que já havia sido publicado no jornal polonês *Odrodzenie*, de Porto Alegre. O texto foi organizado pela embaixada polonesa no Rio de Janeiro, que se sentiu lesada,

pois foi envolvida pelo sacerdote como referendando a sua atuação aqui no Brasil. Para o embaixador,

o padre Bartnicki chegou ao Rio de Janeiro no dia 3 de maio antes do meio dia, apresentando-se à Embaixada nesse mesmo dia. (...) Esta foi a única vez em que elle se apresentou à Embaixada, o que não impediu ao p. Bartnicki de espalhar no Paraná a notícia de que a Embaixada preparou um banquete em sua honra, dando deste modo a entender que a sua acção é auxiliada pela alta Representação Poloneza do Brasil. (GRABOWSKI, 1932)

Já que a ligação do representante máximo da Polônia no Brasil, o embaixador Tadeu Grabowski, com a Igreja Católica Romana era não apenas diplomática, mas sendo ele de fato católico, a embaixada polonesa proclamou publicamente que em nenhum momento apoiou qualquer pretensão do padre Bartnicki em ficar no país:

(...) pelo contrario foi-lhe por muitos motivos desaconselhado partir para interior do Brasil, attendendo aos seus proprios documentos assignados pelo Conse-Synodal da velha igreja catholica da Polonia e indicando se encaminhasse para a Argentina, como se ali existissem colonias com adeptos dessa igreja. Alem disso a Embaixada lhe deu a entender que poderia ser expulso pelas autoridades brasileiras, se começasse a sua propaganda anti catholica entre os polonezes (...). No entanto o p. Bartnicki não se conformou com os avisos da Embaixada, nunca mais voltou a ella e partiu para Curitiba onde começou a sua acção, espalhando noticias falsas, como a de ser a missão oficialmente apoiada pelas autoridades polonezas e descreditando-se deste modo aos olhos dos homens de bom senso. (GRABOWSKI, 1932)

Assim como o governo polonês era oficialmente católico, através desse discurso o embaixador tornou claro que os administradores brasileiros também o eram e que não era interessante e seguro, para o sacerdote velho católico, ficar no país, já que seus superiores o haviam enviado à Argentina e não ao Paraná. Para ele, os homens de bom-senso jamais levariam a sério o discurso desse padre, pois, como um especialista diplomático, reconhecia e validava as palavras advindas da Igreja Católica como as detentoras da verdade instituída.

Após tornar pública essa discussão por meio de artigos publicados na imprensa ponta-grossense, a questão da disputa de posse do novo templo da comunidade polonesa na Praça Barão de Guaraúna que estava em construção, ou cessou, ou foi resolvida de outra forma, pois não foi encontrado mais nenhum registro no jornal local. A presença do sacerdote velho católico, Theophilo Bartnicki, só voltou a ser registrada no periódico

em junho de 1933, quando o “parócho daquela igreja [procurou a redação, pois] dentro de poucos dias commemorará o primeiro anno de profícua existencia”. (SWIEKA, 1933)

Em 18 de junho de 1933, realizou-se uma festa para comemorar o primeiro aniversário de fundação da Igreja Antigo Católica em Ponta Grossa. Para tornar pública a celebração, o padre Bartnicki recorreu novamente à força da imprensa, pois dessa forma não apenas “convidamos o povo de Boa Vontade” (BARTNICKI, 1933) para a festa, como se fazia presente no campo religioso, demonstrando que também estava atuante na distribuição dos bens de salvação, disputando a fidelidade e o reconhecimento dos fiéis.

Nessa luta pelo poder religioso, utilizou em seu discurso a ligação existente entre a história do Brasil e a religiosidade, porque uma das atividades previstas para o dia era a realização de “uma missa em homenagem à Terra de Santa Cruz na língua do paiz, como também uma pratica em portuguez. Este dia é para paróquia de Santa Cruz da Igreja Antigo Catholica em Ponta Grossa um dos maiores dias da epoca. É este o dia em que o povo de Deus sahiu da escravidão espiritual.”

Enquanto o representante da Igreja Antigo Católica em Ponta Grossa se organizou, construiu um templo⁷ e converteu para suas hostes parte da comunidade de imigrantes poloneses estabelecidos na cidade, Dom Antônio Mazzarotto não ficou de braços cruzados. Na perspectiva de perder todos os poloneses e os ponta-grossenses católicos, percebeu que a solução para a crise não era procurar aumentar os locais de culto e o número de párocos, mas descobrir e colocar em prática novos métodos de apostolado que permitissem restabelecer o contato entre a Igreja e a comunidade que havia abandonado ou que se havia organizado fora de seu âmbito. Assim, o bispo chamou a congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família, de origem polonesa, para a evangelização dos imigrantes, para reverter a postura do grupo cismático e para a escolarização das crianças da comunidade. Essa medida tendeu a acalmar os ânimos. (JOHANSEN, 2003, p. 38-39)

Ao longo do ano de 1934, o padre Bartnicki foi envolvido em alguns problemas judiciais, acusado de apropriação do patrimônio alheio. Em 1935, após denúncia de uma das “boas damas católicas” (CRÔNICA DA CONGREGAÇÃO..., 1903-1935, p. 44) da cidade à Presidência da República, o padre evadiu-se, tomando rumo ignorado.

Na luta pelo poder que ocorria nos conflitos cotidianos, que nesse caso específico pode ser analisado como os confrontos entre os representantes da *santa religião católica* (conforme era entendida pela sua hierarquia) e os membros de outras religiões e/ou seitas, fez-se necessário o trabalho dos especialistas na condição de produtores de

⁷ No mesmo ano de 1932, o padre Bartnick e sua comunidade de fiéis construíram um templo de madeira. No andar inferior, ocorriam os cultos e no superior era a morada do religioso. Na madrugada de 6 de janeiro de 1934, a construção foi destruída por um incêndio, o padre feriu-se, mas sobreviveu. No dia seguinte, membros da comunidade religiosa foram à Delegacia de Polícia solicitando a abertura de um inquérito, pois acreditavam que o incêndio era criminoso, já que o imóvel era novo. Após 20 dias de investigações o inquérito foi arquivado por falta de provas que levassem ao(s) autor(es).

um conhecimento legítimo, capaz de impor e inculcar como natural a sua versão da verdade. Assim, a instituição Igreja validou as práticas, as ações e os discursos dessas pessoas com a intenção de assegurar a fidelidade dos praticantes.

Os especialistas, como profissionais da religião, só teriam sucesso na luta pelo monopólio dos bens sagrados se detivessem uma competência específica, uma preparação especial, dominando os saberes produzidos e acumulados no seu campo. Conhecendo a linguagem e a retórica, indispensáveis para defender ou debater com os outros profissionais concorrentes, os especialistas católicos tornaram-se capazes de produzir bens que possibilitaram eternizar e consagrar a ordem vigente, que lhes era favorável. Em outra carta pastoral, Dom Antônio assumiu esse papel para alertar quão nefasto era o trabalho dos falsos pregadores:

Se em todos os tempos, tanto para conservar a fé e os bons costumes, como para dilatal-os, foi mister ensinar o Evangelho, muito mais o é nos nossos e em nossas regiões em que pompeia a mais triste ignorância religiosa, escasseiam os *pregadores da verdade* e formigam os hereges, os medios, os feiteiros e os bruxos de toda casta, os quaes dissimnam a superstição e o erro. Como é possível que em terra assim sáfara e inculca não penetre o inimigo para semear o joio! Em campo assim abandonado e aberto é impossível que não o infestem inimigos numerosos e não semeiem nelle toda sorte de superstições e heresias. (MAZZAROTTO, 1931, p. 7-8)

Para o bispo de Ponta Grossa, todos aqueles que professavam e representavam outra religião que não a católica eram entendidos como *falsos profetas*, portanto perigosos. Ao produzir e distribuir novos bens de salvação e desvalorizando os antigos, eram também agentes de sistematização e racionalização da ética religiosa, ocupando espaços opostos aos dos sacerdotes da Igreja Católica. Por isso eram concorrentes, (BOURDIEU, 2003, p. LVI-LIX) ou seja, “aquelles que espalham contradicções e escandalos contra a doutrina que tendes aprendido; apartae-vos delles; porque esses taes não servem a Christo, mas ao proprio ventre e com doces palavras vão enganando os corações dos simples”. (BARROS, 1900, p. 20)

Com o intuito de desvelar as atitudes desses profetas, Dom Antônio, em sua carta de 1933, descreveu os falsos posicionamentos do concorrente, deixando claro que era a *verdadeira* Igreja de Cristo que estava sendo arremedada nos seus ritos:

Digam muito embora que são pregadores do evangelho, que pertencem a Igreja de Jesus; na realidade não passam de impostores e rebeldes que se alistaram sob a bandeira de Lucífer. Com o iniquo intento de dispersar o rebanho do bom Pastor e prival-o da guia do seu Vigario Supremo, volvem

as armas mais envenenadas da calúnia e do insulto contra Roma, centro, coração e baluarte do christianismo.

E para mais facilmente executar seus planos contra a Igreja, unica arca de salvação, a propaganda sectaria, abusando da ignorancia do povo, hypocritamente se mascara com a capa da instrução, do altruismo, da philanthropia e do patriotismo (...). Outros ha que, envergando com refinada hypocrisia uma batina de sacerdote, *imitam servilmente e contrafazem as nossas festas, nossos ritos, e todas as nossas cerimoniaes da administração dos sacramentos e da celebração da missa* para depois, sob a capa de um falso nacionalismo, vomitar os mais horrendos vituperios contra a Igreja de Jesus e a augusta pessoa do successor de São Pedro. (MAZZAROTTO, 1933, p. 12-13, grifo nosso. Carta Pastoral escrita pelo bispo e dirigida aos fiéis da diocese de Ponta Grossa)

Na mesma carta o bispo alerta não apenas o católico polonês, mas todos os católicos que, mesmo sendo imitada, a sagrada religião era perfidamente caluniada e injustificada, e que, portanto, era imprescindível reafirmar a sua versão da expressão legítima da verdade:

São os semeadores do joio da heresia e do scisma, especialmente entre o bom e catholico povo polonez. Denominam-se velhos catholicos e não são velhos, nem catholicos. Não são velhos, porque appareceram dezenove seculos depois de Christo e não são catholicos, porque figadaes inimigos do catholicismo e de seu chefe visivel. Verdadeiros Judas redivivos esses *macaqueadores do sacerdote catholico*, os quaes disseminam o odio contra Igreja e, com o pretexto de pregar a Jesus, O matam nas almas. (MAZZAROTTO, 1933, p. 12-13, grifo nosso)

Essa estratégia utilizada pelo bispo não era comum somente à sua prática, mas a uma instituição da qual ele era um dos representantes autorizados. Isso ficou claro em 1933, quando Dom Antônio voltou a alertar o seu rebanho católico da necessidade em estar sempre reafirmando os valores e os conhecimentos da *verdadeira fé*:

Como qualquer sociedade, a Igreja que é de todas a mais perfeita, devia ter um chefe supremo. Para esse cargo Jesus elege a Pedro. Reveste-o da plenitude de sua divina autoridade, confere-lhe poderes especiaes acima dos outros Apostolos e dos que lhes succedem, que são os Bispos. Somente a Pedro e a seus legitimos successores o poder de governar e apascentar os cordeiros e as ovelhas, todos os fiéis e todos os pastores. Daqui se infere que somente aquella Igreja que tem como chefe o successor de São Pedro é a verdadeira Igreja de Jesus Christo. É ella a unica depositaria infallivel das verdades reveladas, a unica investida da missão de ensinar a todos os povos. Por isso, quem quer que, atravessando

o deserto desta vida, queira chegar á terra das eternas promessas, deve entrar em seu seio e ouvi-la com docilidade. (MAZZAROTTO, 1933, p. 5-6)

Portanto, nessa perspectiva, Dom Antônio, possuindo o poder instituído e reconhecido pela Igreja, a grande detentora dos bens sagrados, tinha a autoridade de reconhecer-se como legítimo representante de Cristo e jogar na clandestinidade todos aqueles que não fizessem parte dessa hierarquia. Assim, possuía o direito de apresentar-se como porta-voz, apto a construir/reconstruir e difundir o discurso católico com o intuito de atingir a todos os fiéis.

Classificando de forma natural a Igreja Católica como a única e fiel depositária das verdades de Cristo, construiu um discurso que funcionou como produto de uma imposição arbitrária; no entanto, tais ideias encontravam-se inscritas nas relações sociais de todo tipo, portanto deixaram de ser uma evidência impositiva e adquiriram uma aparência despercebida, porque eram perfeitamente *legítimas e/ou naturais*. “Só há diferença socialmente conhecida e reconhecida para um sujeito capaz não só de perceber as diferenças, mas também de as reconhecer como significantes, interessantes.” (BOURDIEU, 1989, p. 144) Para o público-alvo o discurso do bispo não era impositivo, pois suas palavras não estavam apenas gravadas no papel, mas também nas suas práticas, levando os católicos a pensarem e a fiscalizarem as suas próprias ações com relação ao “outro”, isto é, às outras religiões e outras possíveis leituras das palavras de Jesus.

Verdadeiramente a igreja é aquela mystica arca de Noé que singra as aguas da iniquidade do presente seculo, procurando salvar a todos e *salvando os que aceitam navegar nella*, enquanto que a sociedade cega e corrupta do mundo padecerá horrendo naufragio, e será devorada pelas negras ondas revoltas do erro e do vicio. Quem conhece a não da Igreja e não entra nella ou quem já está nella e a abandona, tem gravado na frente o ferrete fatal da rebelião e está destinado a não alcançar o porto da vida gloriosa. (MAZZAROTTO, 1933, p. 8-10, grifo nosso)

Na concorrência pelo monopólio da expressão da verdade, isto é, pelo direito de falar e de agir em nome de parte ou da totalidade da comunidade, Dom Antônio assumiu o papel de porta-voz e, como tal, apropriou-se não só das ideias, mas também da força do grupo que ele representava. Possibilitou, assim, que essa comunidade tivesse uma palavra e uma prática reconhecidas como legítimas pelos componentes do campo religioso – fiéis ou concorrentes.

Analisando as frequentes modificações do campo religioso e entendendo que *modificações* significavam rupturas da ordem ou abandono dos valores católicos, Dom Antônio mesmo assim propôs uma igreja sempre a postos para se reencontrar com seus filhos rebelados:

(...) toda mãe chora amargurada a perda de seus filhos. A Igreja, essa boa e grande mãe, deplora inconsolável a morte espiritual de seus filhos separados, heréticos ou scismaticos, dos que a desconhecem ou, conhecendo-a, a desprezam e particularmente dos ingratos filhos apostatas que perfidamente se levantam contra ella para combatel-a. Embora esses filhos se tornem monstros pela sua attitude horrivelmente criminosa, todavia a Igreja faz tudo o que está em si, para que voltem ao seu gremio e voltando os recebe satisfeita e jubilosa. (MAZZAROTTO, 1933, p. 4-10)

O empenho pela consolidação da ortodoxia da fé por parte da hierarquia configura-se em um processo de tensão constante entre duas possibilidades: a da diluição e perda de identidade institucional e a da possibilidade de convívio com outras formas de expressão religiosa. (SILVA, 2000, p. 37) Para Edson Armando Silva, a definição de ortodoxia (e conseqüentemente de heresia) e a lógica da ação institucional não estão dadas *a priori* pela simples leitura dos documentos oficiais, mas resultam

de uma configuração de forças diversas e frequentemente contraditórias, que possibilitam ora um novo impulso “purificador”, ora um afrouxamento dos impulsos moralizantes, ou mesmo uma redefinição da tradição. Não se trata, entretanto, de avanços ou recuos “táticos” da Igreja (...). É um processo de construção da realidade, em que o mais importante para o historiador não é mais a determinação da verdade, mas a compreensão dos processos formadores de identidades em constante reconstrução, e das configurações que permitem e legitimam as ações institucionais. (SILVA, 2000, p. 39)

Silva, a propósito, argumenta que o campo, as instituições e os próprios indivíduos são incessantemente tensionados por lógicas diversas numa dinâmica de constantes rearticulações, num processo de embates entre realidades desiguais, tanto do ponto de vista político como no domínio da linguagem consagrada pela tradição. (SILVA, 2000, p. 38)

Se analisarmos as práticas discursivas de Dom Antônio como instrumentos de veiculação de um discurso com o intuito de normatizar a sociedade, com uma legitimidade religiosa capaz de determinar as armas materiais e/ou simbólicas que os agentes em competição pelo monopólio do exercício da religião poderiam utilizar, podemos perceber nelas a intenção de inculcar disposições duráveis, capazes de gerar e estruturar as práticas dos leigos, para que esses reconhecessem nas suas ações não regras impostas, mas princípios coletivamente organizados.

Se, por outro lado, olharmos os discursos daqueles que tentavam subverter um ordenamento desejado e empreendido pela hierarquia católica, através de uma “releitura” da tradição, como a Igreja Antigo Católica, podemos pensar na possibilidade de

reelaboração da mensagem oficial numa nova mensagem, considerando aquilo que Eni Orlandi chamou de “bóldos de sentido”. (ORLANDI, 2004, p. 14) Essa noção nos permite perceber que o discurso católico pode “partir” para inúmeras direções, para múltiplos planos significantes, como se fora diferentes versões de um mesmo “texto”, alterado pela interpretação dos diferentes interlocutores. Porque, diz a autora, o “texto é multidirecional enquanto espaço simbólico. (ORLANDI, 2004, p. 18)

Chartier, através de outros processos, diz que a história das práticas culturais deve “(...) reconstruir trajetórias complexas, da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos”. (CHARTIER, 1988, p. 135-136) No caso é útil a noção de *apropriação*, (CHARTIER, 1988, p. 136) ou seja, o reconhecimento das invenções criadoras no processo de recepção das mensagens.

Os discursos pastorais de Dom Antônio inserem-se nesta perspectiva: embora pressuponham uma interpretação doutrinária que passa pelo entendimento único da “palavra autorizada”, podem ser apropriados de múltiplas formas, em diferentes versões, e estão em constante disputa com outras interpretações ou visões. Esses episódios, longe de uma pretensa vitória da normatização eclesial, revelam a existência de conflitos diversos que se atravessam continuamente entre a comunidade polonesa, o bispado e a totalidade dos fiéis.

Trata-se, sobretudo, de perceber que o campo, as instituições e os próprios indivíduos são incessantemente tensionados por lógicas diversas na dinâmica de constantes rearticulações, compreensíveis apenas no contexto de sua formulação e efetivação. Esse processo ocorre por meio de embates entre realidades desiguais, pois o campo possibilita subversões, hegemonias temporárias e mudanças. (SILVA, 2000, p. 36-38)

No caso da heresia polonesa, levando em consideração a complexidade de suas motivações e as lutas de representações presentes nos discursos produzidos, pode-se inferir que “indivíduos e grupos movem-se em uma rede de papéis e significados que faz com que a recepção seja diferenciada e as interpretações, heterogêneas”. (VELHO, 2003, p. 68)

REFERÊNCIAS

- A DIOCESE DE PONTA GROSSA NO SEU JUBILEU ÁUREO (1926-1976). Curitiba: Gráfica Vicentina, 1976.
- A QUESTÃO ENTRE A COLONIA POLONEZA LOCAL. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 14 jul. 1932.
- A QUESTÃO ENTRE A COLONIA POLONEZA. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 15 jul. 1932.
- ALGERMISSEN, Konrad. *Iglesia catolica y confesiones cristianas: confesionologia*. Madrid: Ediciones Rialp S.A., 1964.
- BARROS, J. C. *Carta pastoral*. Curitiba: Paranaense, 1900.
- BARTNICKI, Teófilo. Grande festa da Igreja Antigo-Catolica. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 16 jun. 1933.
- BARTNICKI, Theophilo. Precavenham-se os christãos! Rectificação. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 9 jul. 1932.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.
- CECHINATO, L. *Os vinte séculos de caminhada da igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CRÔNICA DA CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO. *Verbitas em Ponta Grossa e referências a mais lugares de 1903 a 1935*. Ponta Grossa. Manuscrito.
- FEDALTO, Pedro. *A arquidiocese de Curitiba na sua história*. Curitiba: [s.n.], 1958.
- GRABOWSKI, Tadeu Sf. Como é fácil ser desmascarado. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 13 set. 1932.
- JOHANSEN, E. Elisabeth. De católicos poloneses a cidadãos ponta-grossenses. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- KÜNG, Hans. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MAZZAROTTO, A. *O reino de Cristo*. Curitiba: Oficina Gráfica “A Cruzada”, 1930.
- MAZZAROTTO, Antônio. *A doutrina cristã*. Curitiba: Oficinas Graphicas da “A Cruzada”, 1931.
- MAZZAROTTO, Antônio. Precavenham-se os christãos. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 5 jul. 1932.
- MAZZAROTTO, Antônio. *Arca de salvação*. Curitiba: Oficina Gráfica “A Cruzada”, 1933.
- ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.
- PARA SOLUCIONAR A QUESTÃO DA COLONIA POLONEZA LOCAL. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 1º ago. 1932.

-
- SCHLESINGER, H.; PORTO, H. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. I e II.
- SILVA, E. A. *Identidades franciscanas no Brasil: a Província da Imaculada Conceição – entre a Restauração e o Concílio Vaticano II*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000. v. 1 e 2.
- SOUSA, J. J. V. de. *Círculos operários católicos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- SWIEKA. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 10 jun. 1933.
- TILLARD, J. M. R. As diversas faces do episcopado. In: ANJOS, M. F. *Bispos para a esperança do mundo: uma leitura crítica sobre caminhos de Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- WERNET, A. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.